

Identificação e corte

Tempos da experiência do desejo

Margarida Maria C. Chaves*

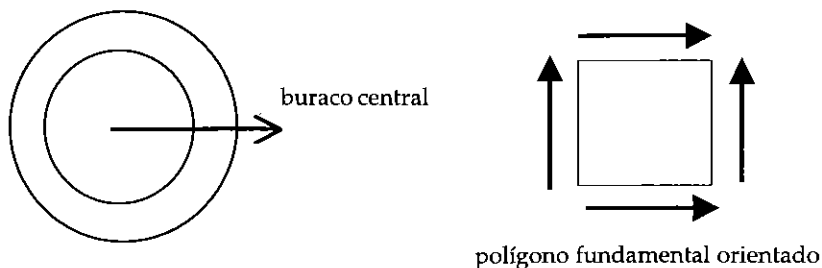
Maria Regina F. Cardoso**

Identificação e corte: o referenciamento de um trabalho que se exige clínico, ético, portanto, analítico.

A suposição radical, que é a nossa, coloca o sujeito em sua constituição como efeito do significante. É o que nos demonstra Lacan a propósito da identificação como estrutura do sujeito, resultante do fato de ele estar na linguagem.

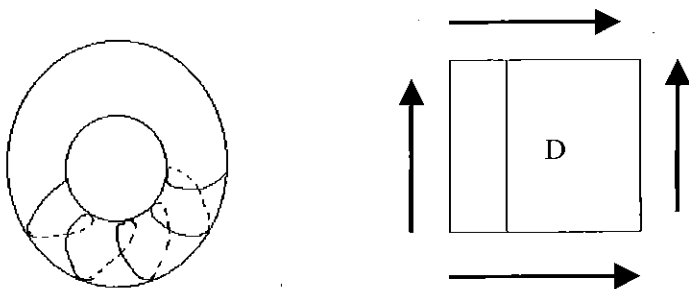
Seguiremos esse vínculo do significante à estrutura subjetiva através das superfícies topológicas, que constituem para nós um suporte, um recurso privilegiado. A topologia é estrutura e é aí mesmo, no interior da estrutura, que o sujeito se capta. O lugar onde o sujeito se aloja e se advém como desejante, como disso saber? Lacan utiliza a topologia para trabalhar questões como esta. A "inflexão constituinte" do toro nos permite seguir a lei à qual o sujeito está submetido no processo de identificação.

Diferentemente da esfera em que um dentro-fora pode ser situado, o toro é uma superfície sem borda, com um realce: o buraco central, onde o mais interno é externo. Suas propriedades o tornam uma estrutura própria à mostraçãõ dessa relação do sujeito ao Outro.



Qualquer corte numa esfera a divide em duas partes. Entretanto, há círculos que podem ser traçados sobre o toro e que não o dividem. Não

são redutíveis a um ponto, uma vez que contornam um vazio. Citemos dois: o círculo ao redor da espessura e o círculo longitudinal em torno do buraco central. O círculo ao redor da espessura do toro é o da *demanda*.

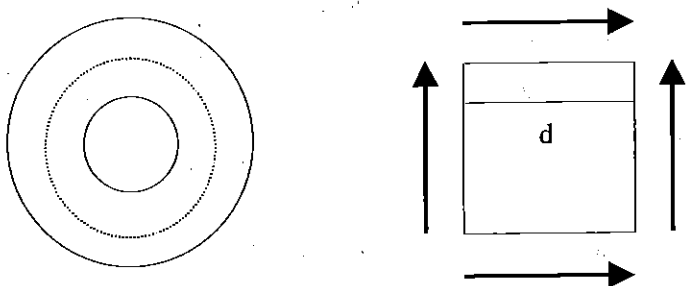


Não se trata de uma volta que se fecha sobre si própria, mas, sim, de uma sucessão de voltas, descrevendo uma espiral. Pela própria estrutura do significante, não reencontramos o mesmo ponto, há sempre um deslizamento. “O que está encarnado, o *significante*, são todas as vezes que a *demanda* se repete”. (Seminário IX: J. Lacan — L.22).

A demanda se faz demanda ao se repetir como significante, no que é frustrada. Essa espiral é tida como sendo seu suporte, pois caracteriza o sujeito em sua relação significante de automatismo de repetição.

No final desse circuito, vamos ter uma volta a mais, embora disso não se saiba. Essa volta a mais se conta *a menos*, o que constitui o sujeito no nível da *privação*, enquanto ele é objetivamente essa privação na coisa. É importante pensar que esse é o tempo, de fato, do percurso da demanda em que o traço unário a sustenta, tempo de apagamento da coisa. “Isto é o que interessa na estrutura da linguagem: ao mesmo tempo que o sujeito percorre esta superfície, ele se constitui como esta própria superfície”. (Carlos Ruiz).

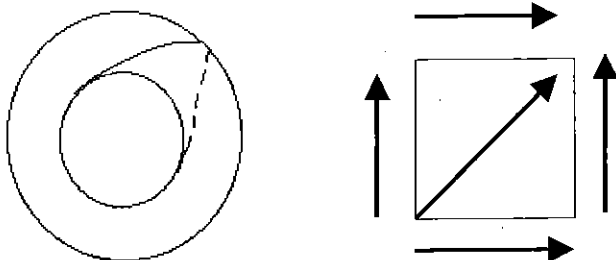
Essa volta a mais vem a ser a do círculo do *desejo*, mais precisamente do *objeto metonímico do desejo*, como falta, mais perto da dimensão da causa.



O que da demanda se separa como desejo? Há um ponto irreduzível em toda demanda, ou na série das demandas, que se separa como desejo. O que da coisa se perdeu no objeto?

Nesse efeito de deslizamento, o que está operando é uma metonímia, um deslizamento da falta, revelando a carência fundamental do sujeito. Se há um "vazio" que sustenta a demanda, Lacan chama de "o nada fundamental" o buraco, onde é chamado ao advento, o objeto do desejo.

Há, ainda, um terceiro círculo que se traça sobre o toro, também não redutível a um ponto, nem o dividindo em dois. Lacan o articula como sendo "o círculo estrutural do sujeito": faz-se a volta do círculo cheio e, ao mesmo tempo, a do círculo vazio, portanto, ainda que o sujeito tenha dado uma só volta, ele deu duas. Esse círculo nos permite simbolizar a demanda enquanto sobrejacente ao desejo: D/d . Permite-nos suportar como estruturais as relações da demanda e do desejo.

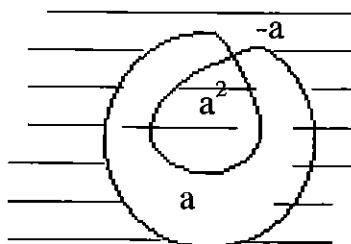


Para o sujeito, o desejo é algo a se constituir no caminho da demanda. A articulação significante da demanda *determina* o sujeito como desejo, entretanto é o desejo que *motiva* a demanda. Na escuta desta frase, o que se vê aí constituir-se é um trajeto möebiano, onde a referência dentro-fora não se sustenta.

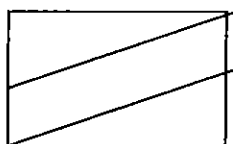
Na estruturação do sujeito, demanda e desejo podem se intercambiar. Com a castração, uma certa separação entre desejo e demanda se fará. Lacan introduz o *oito interior* como o corte possível no toro que dá conta de tal operação.

Diferentemente do círculo de Euler, o oito interior não seria um caso notório de um círculo dentro de outro. A linha do círculo exterior continua na linha do círculo interior. Não marca um dentro-fora e nos permite mostrar que se, por definição, um significante não pode significar a si mesmo, num momento em que ele se serve para significar a si próprio, ele tem que se colocar como diferente dele.

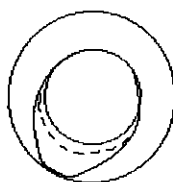
A volta do oito interior, que parece recobrir ela própria, torna-se homogênea ao exterior, marcando a *auto-diferença* e excluindo o reflexo do objeto sobre si mesmo.



É no nível da própria demanda que se sugere, pela reduplicação do objeto do desejo sobre si próprio, a dimensão do buraco onde o objeto se constitui, ou seja, *o nada desse objeto*.



1.2



Esse corte, ainda na *frustração*, já marca a *castração*.

O corte, linha fechada, caminho fechado, que vai de um a outro ponto de identificação, aponta a essência de sua natureza significativa, pois não passa de novo por si mesmo. Quando Lacan nos afirma que o corte é o que engendra a superfície, estamos frente ao fato de que o sujeito só há de se advir como corte, ou seja, enquanto efeito do significante, naquilo que pode vir a ser da ordem da inscrição. “O sujeito tem a estrutura da superfície pelo menos topologicamente definida”. [...] “e talvez seja aí que possamos apreender o ponto de entrada, de inserção do significante no real” ... (Sem. IX: J. Lacan - L 23)

O corte não se pode saber fechado, porque “só o real fecha o corte”. Daí, ser necessário que o corte se recorte.

Se na privação, o sujeito, incluído na estrutura, ainda não se dá conta como sujeito faltante, a frustração imaginária dá um suporte para a construção de um certo saber sobre o que lhe falta. Ele precisa de um ponto de consistência do Outro, para que algo da perda possa ser elaborado, possibilidade de um trabalho de luto.

Exemplificando isto, Lacan fala da experiência de Santo Agostinho frente ao irmão sendo amamentado, mostrando que aí o sujeito se vê defrontado com o que lhe falta. Aparece o desejo como algo de novo.

Esse outro-semelhante é a imagem do sujeito e é ela que vai fundar o seu desejo.

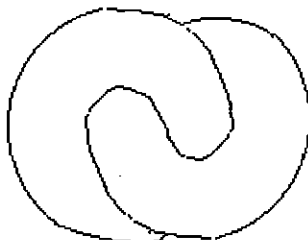
O neurótico quer saber e sua, diríamos, curiosidade o dignifica, coloca-o no impasse diante de seu enigma. No que ele é "*paixão*", isto é, naquilo que de real invade o significante, o sujeito não tem como não se haver com isto.

É no advento do significante e à medida que se vai fazendo sua escrita, que o desejo pode vir a ser pensado. Sabemos que é pelo Édipo que o desejo é radicalmente estruturado, uma vez que é impossível eliminar o nó da relação entre uma demanda que toma um valor tão privilegiado que se torna a lei e um desejo que é o desejo do Outro: "*Tu não desejarás aquela que foi meu desejo*".

A essencialidade do Outro na constituição do sujeito está especificada pela demanda. O toro nos leva a definir esse campo que não é arquitetado nem pela necessidade nem pelo objeto da rivalidade do outro-semelhante, mas que se impõe como o campo do significante, da presença e da ausência, "*onde o objeto não é mais de subsistência, mas de existência do sujeito*" (Sem.IX: J. Lacan - L.14).

Pudemos ver que se a privação é real e serve na fundação do simbólico, é como imaginário que o sujeito é afetado pela frustração, que se refere a um objeto real, e faz o Outro intervir como simbólico. A relação essencial da frustração à palavra é um ponto a ser sustentado como radical, senão nosso conceito de frustração se degrada até reduzir-se a defeito de gratificação, que concerne à necessidade.

Os *toros enlaçados*, tomados em circuitos um no outro, permitem assinalar o impasse do neurótico, o nó de toda a dialética da frustração. Nesse "*intercâmbio ingênuo*", nessa "*interversão*" entre desejo e demanda, quando o sujeito busca fazer sua demanda incidir sobre o que é objeto de desejo do Outro e toma do Outro seu desejo como se fosse demanda, há uma relação de engodo.



Esse desvio irreduzível, a que se é obrigado todo desejo possível, faz com que ele inclua em si o vazio especificado disso que veio a ser a lei original. O desejo constitui-se como a parte da demanda que está oculta ao Outro por estrutura. O nada em que ele consiste, do qual o Outro não pode saber, toma consistência. Assim, "é o impossível ao Outro que se torna desejo do sujeito". (Sem. IX: J. Lacan — L.14).

Esse cruzamento entre desejo e demanda, no nível do simbólico, isto é, no nível do Outro, é uma forma enganosa do efeito significante sobre o sujeito. Diferentemente do ser falante, a cachorra de Lacan não se engana, ela não o toma por um outro à medida que, para ela, não há o Outro. É próprio do sujeito do discurso esse engano e é nessa via que o neurótico se inscreve, vindo duplicar a inversão caracterizada pela identificação especular, onde há um erro. A função da imagem especular se refere ao desconhecimento da dissimetria mais radical.

Trazemos um exemplo: uma criança de 4 anos, ao vestir pela primeira vez uma blusa que traz seu nome, vai se olhar no espelho. Ao se deparar com sua imagem, diz: "não quero esta blusa errada!"

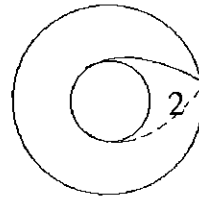
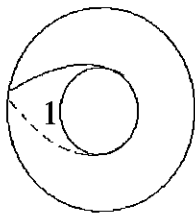
O sujeito imaginariamente antecipa aquilo que ele designa como eu. O suporte do eu ideal, eu imaginário, escrevemos assim: *i(a)*. A relação especular se situa nessa relação ao Outro, fundamento do sujeito enquanto sujeito do discurso. A relação do sujeito, marcado pelo traço unário, tem consistência naquilo que é da ordem do erro, do engano, ou seja, na imagem constitutiva da identificação especular, "que tem relação indireta com o que se oculta atrás dela, a relação com o objeto, a relação com o fantasma fundamental". (Sem. IX: J. Lacan - L 24)

O fantasma está numa posição homóloga a *i(a)*. Ele é o suporte do desejo. No nível do fantasma, o sujeito se apreende na questão: "Che Vuoi?" Por uma ilusão homóloga àquela da imaginação do estágio do espelho, o sujeito, no fantasma, imagina suportar o objeto que vem preencher o buraco, a falha do Outro. Neste nível, *a* não pode ser isolado de $\$$. Daí, ele só poder responder fazendo-se objeto: a única resposta ao "Che Vuoi?" é a instauração de um "quem quer". À medida que surge o objeto causa do desejo, há o *fading* do simbólico e uma irrupção do real.

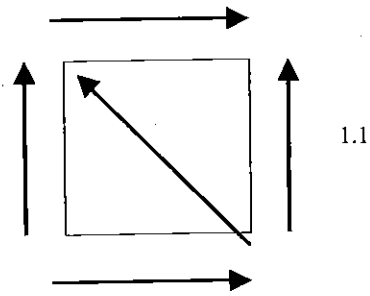
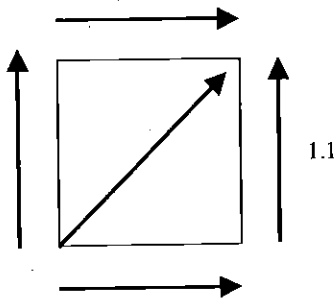
Como é que se imaginariza o lugar de *a* no fantasma?

Trabalharemos isso através de cortes nos toros enlaçados: o corte simples (curva privilegiada) e o corte de dupla volta (oito interior).

A curva privilegiada projetada sobre o primeiro toro poderá ser decalcada no segundo toro, que se encaixa nele e que simboliza o lugar do Outro. Encontraremos um círculo orientado da mesma maneira. Fazendo a representação gráfica disso, teremos:



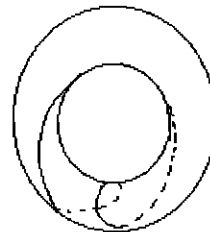
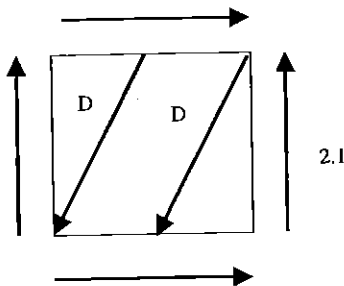
Apesar da aparência, estas curvas são irremediavelmente não-superponíveis, possibilitando evidenciar a dissimetria radical do toro. Entretanto, com relação à estrutura, estas duas linhas são superponíveis ao fazer o giro de 90°.



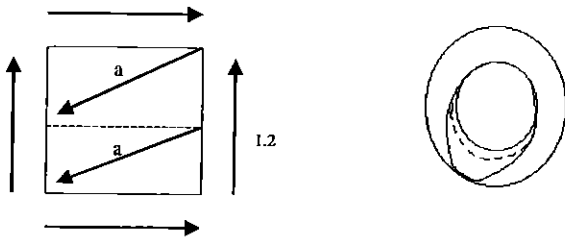
Esta imagem se demonstra apropriada para representar a fórmula de que o desejo do sujeito é o desejo do Outro?

Se fizermos sobre o toro, não a curva simples, mas o círculo de dupla volta, vai ocorrer o mesmo?

Supondo um círculo que atravessasse duas vezes o buraco e, uma única vez, o seu contorno, podemos fazer a representação disso no polígono fundamental, desta maneira:



O decalque no nível do segundo toro, no nível do Outro, se representará assim:



Ainda que se faça o giro de 90°, não haverá uma superposição, quando fica evidenciada a dissimetria tanto em relação ao sujeito e o Outro quanto à demanda e o desejo.

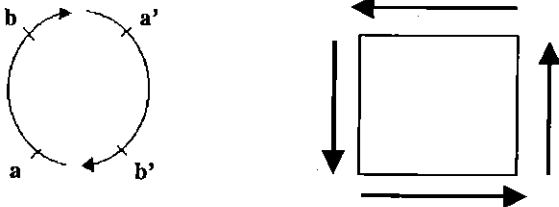
Isto nos permite simbolizar que, numa certa forma de estrutura subjetiva, a demanda do sujeito consiste no objeto do Outro, o objeto do sujeito consiste na demanda do Outro. A relação do neurótico ao Outro, enquanto ele condiciona sua estrutura, é precisamente essa equivalência cruzada. O impasse do fantasma do neurótico se demonstra nisso, pois, em sua busca de a , ele encontra $i(a)$, porém a não tem imagem.

"A saída é possível quando, numa outra referência ao corte, o sujeito, enquanto estruturado pelo significante, pode se tornar o próprio corte a ". O fantasma do neurótico não alcança isto.

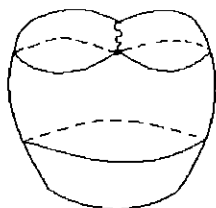
Vimos que o toro é uma superfície que suporta o recobrimento, já que o objeto faltante é envelopado em formas imaginárias, $i(a)$. Essa é a consistência de que o sujeito precisa.

Entretanto, quando Lacan utiliza o oito interior deparamo-nos com o fato de o sujeito se encontrar preso nesta articulação D/d . O desejo é circunscrito pelas duas voltas e a castração aí está como uma demanda que cai, ou seja, o ímpar da demanda em relação ao desejo (1.2). Para dar um suporte estruturante a essa relação do sujeito ao objeto do desejo — a estrutura do fantasma — Lacan recorre ao *cross-cap*. É aqui que podemos dizer de um certo tensionamento entre o toro e o *cross-cap*.

O *cross-cap*, a representação do plano projetivo no espaço de três dimensões, é uma estrutura, onde, para cada ponto das duas metades da borda que se trata de rejuntar, está associado o ponto que lhe é diametralmente oposto. É uma superfície sem borda, unilátera, onde o interior está em continuidade com o exterior. Ela se organiza a partir do corte assim escrito, uma escrita möebiana.



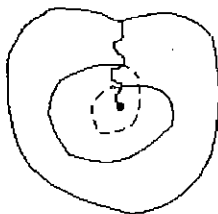
Do *cross-cap*, ainda podemos dizer que é uma esfera pinçada por uma linha de corte. De um lado, ele se fecha como uma esfera: temos a linha do contorno como uma linha de dobra. No outro lado, invertem-se essas duas linhas: linha de penetração ou linha de corte, necessária para representar essa estrutura no espaço, onde vamos assinalar o *ponto-buraco*.



Ponto que simboliza o que pode introduzir um objeto a qualquer no lugar do buraco, uma vez que, no toro, só foi apreendido o seu contorno. Esse ponto privilegiado é o *phallus*, que nos dá a medida desse campo a definir no interior da demanda, como campo do desejo. O *phallus*, em sua função radical, é um significante, e é o único capaz de se significar. Como tal, ele é indizível. Em sua dupla função, ele surge como ponto comum de *eversão* (avesso de conversão), articulando o $\$$ e a .

A partir da fórmula $\$ \diamond a$, podemos mostrar a relação desse objeto a com a carência do Outro $S(A)$ e ver, como no momento, tudo se apaga na função significante diante da irrupção desse objeto.

No *cross-cap*, um corte — oito interior, que faz duas vezes o giro do ponto privilegiado — divide a superfície. O resultado desse corte é um disco — disco de dupla volta, onde se aloja este ponto fundamental, no qual Lacan faz o suporte da relação $\$$ com a no fantasma — e uma banda de Möebius.



As propriedades da banda de Möebius são completamente diferentes das deste disco. Este é o corte do sujeito, que o constitui como separado, relançado, imposto por uma determinação objetiva, isto é, do objeto

para o sujeito. Isto porque há, no coração deste objeto *a*, este ponto de turbilhão — *phallus* — por onde o objeto sai do nó imaginário idealista. “O desejo do sujeito não é outra coisa que o corte deste objeto” (Sem. IX: J. Lacan — L 25).

Aqui, quando o sujeito se constitui em sua dependência em relação ao objeto do desejo, a função *i(a)*, função especular, perde sua captura.

Essa seria o que Lacan denomina a verdadeira função imaginária, contrapondo-se com a falsa, e que intervém no nível do desejo *a* é seguramente corte de *S*.

No final do Seminário *A identificação*, Lacan nos coloca que, em sua relação com o desejo, neurótico, perverso, psicótico, não são senão faces da estrutura normal.

O psicótico é normal em sua psicose, porque, em seu desejo, tem relação com o corpo. O perverso é normal em sua perversão, porque tem relação em sua variedade com o *phallus*, e o neurótico, porque tem relação com o Outro. É nisto que são normais, porque são os três termos normais da constituição do desejo. (Sem. IX: J. Lacan — L 25).

Um percurso foi feito. Vimos que o corte, na estrutura, é o lugar da falta, ou seja, no que engendra a superfície, a estrutura é reduzida ao puro corte.

§ corte de *a*, corte que separa o sujeito de seus envoltórios. Nesse momento em que se desvela o que liga *a* à barra que atinge o *A*, o sujeito surge como desejante.

Ao objeto *a*, objeto da castração, por sua inapreensibilidade, resta manter-se foragido, lugar da mais pura poesia, sumidouro onde se aloja o nada do nada. Coisas que os “tempos da experiência do desejo” não cessam de não re-velar.

NOTA

* Psicanlista.

** Psicanlista e membro Aleph Psicanálise - Transmissão - BH.

BIBLIOGRAFIA

CONTÉ, Claude. *O real e o sexual* — de Freud e Lacan. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

GRANON-LAFONT, Jeanne. *A topologia de Jacques Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

GUIMARÃES, Leila Mariné da Cunha. *Sobre a identificação*. [s.n.t.]. (Trabalho apresentado na IV Jornada do Aleph — Psicanálise e Transmissão).

LACAN, Jacques. *Seminário IX — A identificação (1961-1962)*. (Inédito).

RUIZ, Carlos, VIDAL, Eduardo. *Topologia e Psicanálise*. Rio de Janeiro: Publicação da Letra Freudiana — Escola, Psicanálise e Transmissão, 1991.